

Alimentação fora de Casa: uma Investigação sobre os Determinantes da Decisão de Consumo dos Domicílios Brasileiros

Food away from Home: an Investigation about the Determinants of the Consumption Decision of Brazilian Households

Pedro Wesley Vertino de Queiroz*

Alexandre Bragança Coelho**

Resumo: Este trabalho investiga os fatores determinantes da decisão de consumo de alimentação fora do domicílio para diferentes categorias de alimentos no Brasil. Precisamente, as variáveis que podem influenciar esse consumo são analisadas, dado que a alimentação fora do domicílio vem apresentando uma parcela crescente na dieta dos consumidores brasileiros. Os resultados indicam que as variáveis de rendimento, do custo de oportunidade do tempo da mulher e outras que captam mudanças na restrição de tempo nos domicílios são importantes para explicar a decisão de consumo de alimentação fora de casa no caso brasileiro.

Palavras-chave: Alimentação fora de casa. Decisão de consumo. Pesquisa de orçamentos familiares. POF.

Abstract: This paper investigates the determinant factors of the consumption decision of food away from home for different categories of food in Brazil. Precisely, the variables that can influence this consumption are analyzed, since food away from home has presented a growing share of Brazilian consumers' diet. The results indicate that the variables of income, of women's opportunity cost of time and others that capture changes in time constraint in households are important to explain the decision of consumption of food away from home in the Brazilian case.

Keywords: Food away from home. FAFH. Consumption decision. Brazilian household budget survey. POF.

JEL Classification: D12; C25; R22.

1 Introdução

As mudanças nos hábitos alimentares decorrentes da globalização influenciaram questões importantes sobre os aspectos nutricionais, como, por exemplo, o aumento da obesidade ao redor do mundo. Segundo Popkin (2006), dentre os fatores responsáveis por essas mudanças, destacam-se os aspectos relacionados à

* Doutorando em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: pedrovertino@hotmail.com

** Professor associado do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: acoelho@ufv.br

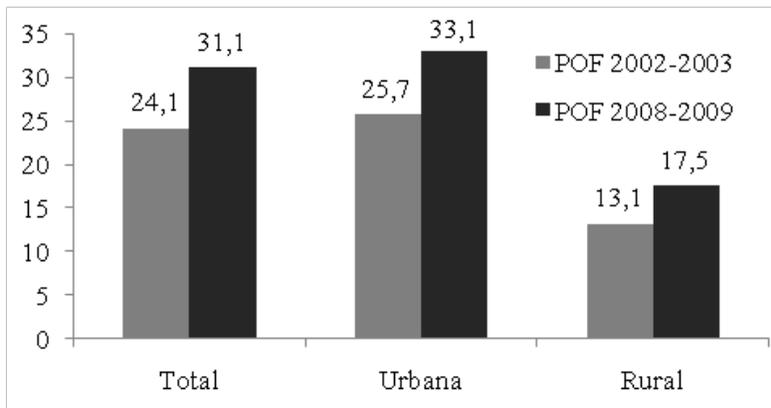
inovação tecnológica, globalização das técnicas de processamento, *marketing* e distribuição de alimentos e a expansão da mídia em massa global. Além disso, os efeitos da globalização sobre o comportamento alimentar estão sendo observados especialmente em países de média e baixa renda.

Dentre os aspectos da evolução do comportamento alimentar, o crescimento da alimentação fora do domicílio¹ é uma característica marcante não somente em países desenvolvidos, mas também em países em desenvolvimento. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 2010, a parcela dos gastos com alimentação fora do domicílio atingiu o nível de 41,3% do total dos dispêndios com alimentação (LIU; KASTERIDIS; YEN, 2013). Em Taiwan, os gastos com alimentação fora do domicílio saltaram de 6% para 26% do total dispendido com alimentação entre 1983 e 2000 (KENG; LIN, 2005). Na China, essa parcela variou de 5,0% do total dos dispêndios com alimentação, em 1992, para 14,7% em 2000 (MIN; FANG; LI, 2004).

No Brasil, esse fenômeno não é diferente: entre 1974 e 2003, houve importantes mudanças no padrão de consumo de alimentos das famílias. Observou-se uma grande redução no consumo domiciliar dos alimentos que demandam maior tempo de preparo, enquanto o consumo de alimentos prontos cresceu consideravelmente (SCHLINDWEIN; KASSOUF, 2006). Além disso, há o fato de que os gastos com alimentação fora do domicílio vêm aumentando nos últimos anos. Os dados da última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), de 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a despesa mensal com alimentação fora do domicílio teve participação de 31,1% nos gastos mensais com consumo alimentar. Essa parcela era de 24,1% segundo a POF de 2002-2003, aumentando cerca de 30% durante o período entre as duas pesquisas (IBGE, 2010a). A Figura 1 mostra quanto variaram os percentuais com alimentação fora do domicílio em relação ao gasto total mensal com alimentação entre as duas últimas POFs no Brasil para todos os domicílios e de acordo com a situação do domicílio (urbano ou rural). Os domicílios da área urbana são os que apresentaram maior variação, em torno de sete pontos percentuais.

1 O conceito de alimentação fora do domicílio utilizado neste trabalho é o mesmo da POF 2008-2009 (IBGE, 2010a), que se baseia no consumo de alimentos efetivamente realizado fora do lar e que envolveu gastos monetários. Um exemplo ilustrativo dessa definição é o caso em que um consumidor compra uma refeição pronta fora de casa para consumo no domicílio. Nesse caso, a POF define esse produto como alimentos preparados, que faz parte dos alimentos consumidos no domicílio. Esse conceito de alimentação fora do domicílio pode variar entre países, no entanto, não se considera que existam grandes discrepâncias de modo que comparações não sejam cabíveis.

Figura 1 - Percentual das despesas monetária e não monetária média mensal familiar com alimentação fora de casa em relação aos gastos totais com alimentação, segundo a situação do domicílio (Brasil – período 2002-2009).



Fonte: Elaboração própria a partir da POF (IBGE, 2010a).

O crescimento da alimentação fora do lar em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, pode ser atribuído, principalmente, às mudanças em variáveis socioeconômicas, como o crescimento da renda, e a fatores relacionados ao tempo dos indivíduos. Em outras palavras, uma maior disponibilidade de renda pode aumentar a demanda por alimentação fora do lar. Da mesma forma, o tempo pode ser determinante no aumento desse consumo, quando se busca substituir, por exemplo, atividades que consomem muito tempo, como o preparo do alimento no domicílio, por outras que demandam menos tempo, como o consumo de alimentos prontos fora do lar.

Popkin (2006) aponta que a demanda do consumidor por alimentos processados é crescente em países em desenvolvimento. Além disso, com a modernização, o custo de oportunidade do tempo da mulher aumentou, e assim, o mercado de alimentos que não demandam tempo de preparo se torna cada vez mais relevante. O autor ainda aponta que há um consenso na literatura sobre a influência do setor de *fast food* e da indústria de bebidas dos Estados Unidos sobre a dieta das populações dos países de média e baixa renda. Empresas como Coca-Cola, McDonald's e Pizza Hut, por exemplo, estão presentes em todo o mundo e servem de modelo para a indústria de alimentos em nível local. Dessa forma, maiores informações sobre o consumo de alimentos fora do lar nesses países podem indicar até que ponto tais empresas influenciam dietas ricas em gorduras e açúcares. De acordo com o autor, o aumento do consumo de óleo vegetal é um dos elementos principais da mudança nutricional na maioria dos países de menor renda. Da mesma forma, o crescimento do consumo de açúcares e de alimentos de origem animal (por exemplo, laticínios, carne bovina, frango, ovos, suínos) são características

marcantes. Portanto, uma análise da alimentação fora do lar de forma desagregada pode indicar como as características socioeconômicas e demográficas explicam os diferentes gastos, especialmente das categorias que envolvem os principais elementos da transição nutricional verificada globalmente.

No caso brasileiro, o aumento do consumo de alimentos fora do domicílio pode ser um indicativo de que mudanças na estrutura econômica e social do país estão aumentando as restrições de tempo e, assim, a demanda por alimentos prontos para consumo. O dispêndio com alimentação fora do lar vem aumentando nos últimos anos, e isso sinaliza que esse consumo tem uma participação cada vez maior no conteúdo energético da dieta do consumidor.

A alimentação fora de casa, ao representar em torno de um terço dos gastos totais com alimentação dos domicílios brasileiros, sugere uma maior atenção não somente pelo lado dos setores alimentícios, mas também por aspectos nutricionais da população quando se associa, por exemplo, esse consumo alimentar a sobrepeso e obesidade. O aumento da obesidade, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é, em parte, devido ao aumento do consumo de alimentos fora do domicílio (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2000). A OMS ainda defende que esse tipo de alimentação está provavelmente associado à maior incidência de doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes e hipertensão, pela presença de grandes quantidades de sal, gordura saturada e açúcar nos alimentos ofertados (BEZERRA; SICHIERI, 2010; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003). Antes um tema restrito aos países desenvolvidos, a questão da obesidade passa agora a ser tema de interesse também em países em desenvolvimento, dado que está substituindo o problema da escassez de alimentos e desnutrição. Outro aspecto importante no caso brasileiro é que o consumo domiciliar *per capita* de muitos alimentos está diminuindo,² e, com a diminuição de fontes energéticas dentro do domicílio, esse consumo deve estar sendo direcionado à alimentação fora do lar.

Diante dessas questões relacionadas à oferta de alimentos e à saúde dos consumidores brasileiros, o objetivo deste estudo é investigar os fatores determinantes da decisão de consumo de alimentação fora do lar no Brasil com dados da POF 2008-2009. Estudos sobre a alimentação fora do domicílio são bastante comuns na literatura internacional.³ No entanto, acerca do Brasil ainda pouco se conhece sobre as características particulares desse consumo.⁴ Os estudos brasileiros buscam,

2 Segundo a POF 2008-2009 (IBGE, 2010a), houve redução importante da aquisição *per capita* de uma série de alimentos para consumo dentro do domicílio com relação à POF 2002-2003. Um exemplo é a dupla arroz e feijão, que compõe a refeição tradicional diária no Brasil. Para o arroz, a queda foi de 40,5%, e para o feijão, de 26,4%. Açúcares e farinhas também tiveram reduções importantes, como açúcar refinado, com -48,3%, e farinha de trigo e mandioca, com -33,2% e -31,4%, respectivamente.

3 Pode-se citar Prochaska e Schrimper (1973), McCracken e Brandt (1987), Yen (1993), Jensen e Yen (1996), Stewart *et al.* (2004) e Liu *et al.* (2013).

4 Os principais estudos nacionais conhecidos são os de Schindwein e Kassouf (2007), Bezer-

de modo geral, identificar alguns fatores socioeconômicos e demográficos como determinantes da alimentação fora do domicílio. O estudo de Schlindwein e Kasouf (2007) tem como um dos seus principais resultados a relação positiva entre o custo de oportunidade do tempo da mulher, medido por seu nível educacional, e os gastos com alimentação fora de casa. Porém, as autoras consideram os gastos de forma agregada, o que, na prática, não permite uma análise da influência de variáveis socioeconômicas sobre um tipo específico de alimentação. Por exemplo, qual o efeito do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o consumo de almoço fora do domicílio? E sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Bezerra e Sichieri (2010) trazem uma análise detalhada do consumo de alimentos fora do domicílio, no Brasil, para diferentes categorias de alimentação fora do lar, com dados da POF 2002-2003. A abordagem utilizada relaciona a frequência dos gastos domiciliares semanais com a idade do chefe do domicílio, sexo, nível educacional, renda mensal *per capita* e localização domiciliar. O estudo é um dos primeiros a analisar esse consumo para o Brasil, além de ser o primeiro a separar os alimentos consumidos fora do lar em categorias. No entanto, o método utilizado não permite identificar os determinantes do consumo de alimentos fora do lar.

Dessa forma, o presente estudo é o primeiro a investigar os fatores determinantes da decisão de consumo de alimentos fora do domicílio para diferentes categorias de alimentos no Brasil. Além disso, são introduzidas variáveis que medem os efeitos da composição das famílias brasileiras, como famílias formadas por somente um indivíduo (unipessoais) ou monoparentais/uniparentais. Essas variáveis, já utilizadas em estudos internacionais,⁵ ainda não são comumente investigadas em estudos nacionais, porém parecem exercer um importante papel no consumo brasileiro de alimentos.

Este artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução: a segunda aborda o modelo e as variáveis incluídas para estimar a decisão de consumo de alimentação fora de casa no Brasil; a terceira apresenta os dados utilizados no estudo; a quarta traz uma análise descritiva da alimentação fora do domicílio no Brasil e são apresentados os resultados das estimações para o total dos domicílios brasileiros e estratificados por classes de renda; e, por fim, a quinta traça as considerações finais do trabalho e suas principais implicações.

ra (2009, 2010), Bezerra e Sichieri (2010), Bezerra *et al.* (2013), Hoffmann (2013) e Claro *et al.* (2014).

5 Ver, por exemplo, Stewart *et al.* (2004), Stewart e Yen (2004) e, mais recentemente, Liu, Kasteridis e Yen (2013).

2 Decisão de Consumo de Alimentos fora do Domicílio e seus Fatores Determinantes

A decisão de consumo de alimentos fora do domicílio pode ser estimada por um modelo *probit*. Coelho, Aguiar e Fernandes (2009) utilizam um modelo *probit* para identificar o padrão de consumo de alimentos no Brasil usando dados da aquisição de alimentos consumidos no domicílio. A estratégia adotada no presente trabalho é similar; no entanto, a análise busca complementar os estudos sobre a alimentação dentro do lar ao considerar somente os alimentos consumidos fora de casa. Dessa forma, essa abordagem é uma contribuição para a análise global do consumo de alimentos no Brasil, dado que a alimentação fora do lar ainda é relativamente pouco explorada.

O modelo *probit* permite verificar quais fatores são importantes no processo de escolha das categorias de alimentação fora de casa. Além disso, é possível saber quanto cada variável pode influenciar as probabilidades de consumo dos domicílios por meio de seus efeitos marginais. Estima-se, então, a probabilidade de uma determinada família consumir o alimento fora do domicílio em função das características socioeconômicas e demográficas. Define-se, como a diferença entre o benefício e o custo de se realizar o consumo de alimentação fora de casa. Se essa variável for maior que zero, o domicílio apresenta gastos com alimentação fora de casa; caso contrário, o domicílio apresenta consumo zero (STEWART *et al.*, 2004). Pode-se, então, estabelecer a seguinte relação:

$$d_{ik}^* = D'_{ik}\beta_i + \vartheta_{ik},$$
$$d_{ik} = \begin{cases} 1 & \text{se } d_{ik}^* > 0 \\ 0 & \text{se } d_{ik}^* \leq 0 \end{cases} \quad (1)$$

O índice i diz respeito às categorias de alimentação fora do domicílio e o índice k , aos domicílios. O vetor D_{ik} considera as características socioeconômicas e demográficas do domicílio que podem influenciar a propensão de se consumir a i -ésima categoria. A variável d_{ik} é uma variável binária que mede a decisão de consumo efetiva dos domicílios. Os parâmetros β 's são os parâmetros do modelo desconhecidos e estimados⁶ e ϑ_{ik} é o erro aleatório. Posteriormente, é possível obter os efeitos marginais dessas variáveis. Para se estimar os efeitos marginais, torna-se necessário especificar as variáveis contínuas e as variáveis binárias. Suponha-se X uma variável contínua,⁷ o efeito marginal é dado pela expressão:

6 O modelo *probit* é estimado pelo método de máxima verossimilhança, podendo-se obter os parâmetros β que maximizam a probabilidade de ocorrência conjunta dos fenômenos de consumir e não consumir a categoria de alimentação fora do domicílio.

7 O índice k foi omitido por simplificação. No entanto, vale lembrar que a variável X , contínua ou não, é referente ao domicílio k .

$$EMx = f(X\beta)\beta \quad (2)$$

em que EMx é o efeito marginal da variável X ; $f(X\beta)$ é a função densidade de probabilidade avaliada no ponto $I=X\beta$ (normalmente o ponto médio); e β é o coeficiente da variável X . No caso de X ser uma variável *dummy*, o efeito marginal é dado pela seguinte forma:

$$EM_x = P[d_{ik} = 1/x=1] - P[d_{ik} = 1/x=0] \quad (3)$$

em que EMx é o efeito marginal da variável binária X ; $P[d_{ik} = 1/x=1]$ é a probabilidade de aquisição do bem quando $X = 1$; e $P[d_{ik} = 1/x=0]$ representa a probabilidade de aquisição do bem quando $X = 0$.

Este estudo, então, agrega os alimentos consumidos fora do domicílio em nove grandes categorias, apresentadas na seção 3, e estima um modelo *probit* para cada uma delas. O modelo final é constituído por 19 variáveis explicativas, divididas em três grupos: localização domiciliar, características do domicílio e composição familiar.

2.1 Fatores Determinantes do Consumo da Alimentação fora de Casa

Este estudo se baseia na teoria da produção domiciliar para se investigar os fatores que podem influenciar a alimentação fora do domicílio no Brasil, permitindo incorporar, em especial, variáveis sobre o custo de oportunidade do tempo nas decisões de consumo das famílias.⁸

Os fatores investigados como determinantes da decisão de consumo de alimentação fora de casa são variáveis socioeconômicas e demográficas comumente utilizadas em estudos de demanda de alimentos internacionais e para o Brasil. Entre os estudos nacionais, pode-se citar, por exemplo, Schlindwein e Kassouf (2006), Schlindwein e Kassouf (2007), Coelho, Aguiar e Fernandes (2009), Coelho, Aguiar e Eales (2010), Silva e Coelho (2014) e Travassos e Coelho (2015). Os dois primeiros estudos analisam o dispêndio com alimentos para o Brasil. Enquanto o primeiro analisa o dispêndio com carnes, o segundo divide os alimentos entre dois grupos: alimentos tempo-intensivos e alimentos poupadores de tempo. Já o terceiro estudo identifica os determinantes da decisão de consumo (probabilidade

8 Muitos estudos confirmaram a relação entre o valor do tempo da família e sua renda com o consumo de alimentos fora do domicílio (McCRACKEN; BRANT, 1987). Desde o estudo clássico de Prochaska e Schrimper (1973), a teoria da produção domiciliar, elaborada inicialmente por Becker (1965), é utilizada para incorporar os custos de oportunidade do tempo para se explicar a demanda por alimentação fora do domicílio (*Food away from home* - FAFH). Esse modelo teórico permite inserir na análise clássica da teoria da demanda, além dos preços e da renda, variáveis sociodemográficas e restrições de tempo na determinação da demanda por FAFH.

de consumo) de alimentos no domicílio. Os três últimos estimam um sistema de demanda para alimentos em geral, frutas e hortaliças, e carnes, respectivamente.

Com exceção de Schlindwein e Kassouf (2007), todos os trabalhos nacionais analisam os dados da POF que são referentes somente à alimentação dentro do domicílio. No entanto, a análise desses trabalhos, de maneira geral, ajuda a enriquecer a discussão sobre os determinantes do padrão de consumo de alimentos fora do domicílio, tema do presente estudo. Schlindwein e Kassouf (2006), por exemplo, identificam os efeitos do nível de renda, urbanização, escolaridade da mulher e composição familiar sobre a probabilidade de consumo e o dispêndio com carnes. De modo geral, tanto a probabilidade, quanto o dispêndio aumentam com aumentos nos níveis de renda. Além disso, as autoras encontram uma maior probabilidade de consumo de carne bovina e de frango nas regiões mais pobres do Brasil. Elas defendem que esse resultado pode ser devido a um maior consumo de alimentação fora do domicílio, principalmente nas regiões Sul e Sudeste e, portanto, um menor consumo de carne no domicílio.

O estudo de Coelho, Aguiar e Fernandes (2009), ao identificar o padrão de consumo de alimentos consumidos dentro dos domicílios no Brasil, encontram um resultado similar para o consumo de carnes, ou seja, maior chance de consumo no Norte e Nordeste do que na região Sudeste. No caso dos alimentos básicos (arroz, feijão, açúcar e farinha de mandioca), de modo geral os autores chegam à conclusão que aumentos na renda diminuem as chances de consumo no domicílio. Esse resultado está de acordo com o encontrado por Schlindwein e Kassouf (2007), em que há menor probabilidade de consumo de arroz e feijão. Em contrapartida, Schlindwein e Kassouf (2007) percebem que, em termos de dispêndio, aumentos na renda possuem efeitos positivos e maiores sobre alimentação fora de casa e alimentos prontos.

Segundo Schlindwein e Kassouf (2007), morar em áreas urbanas aumenta os gastos com alimentos prontos e alimentação fora de casa. Dado que o consumo de alimentos básicos e de carnes no domicílio é, de modo geral, menor em áreas urbanas, e que o consumo de alimentação fora de casa é maior, a expectativa é que essa forma de alimentação represente uma parcela cada vez mais significativa na dieta dos consumidores nessas regiões.

Outro resultado interessante do estudo de Coelho, Aguiar e Fernandes (2009) é a menor probabilidade de aquisição de alimentos nos domicílios chefiados por mulheres. Silva e Coelho (2014) chegam a um resultado similar com relação às hortaliças que demandam maior tempo de preparo (abóbora, batata, beterraba e mandioca). Isso pode ser um indicativo de que nesses domicílios o tempo da mulher é um fator mais importante nas decisões de consumo, pois sendo a responsável pelo domicílio, assume-se que ela dedique grande parte do seu tempo ao trabalho e tenha menor disponibilidade para as tarefas domésticas, como conclui

o estudo de Schlindwein e Kassouf (2007). Portanto, em domicílios chefiados por mulheres, espera-se que haja maior chance de consumo de alimentação fora do lar.

Em se tratando da literatura que analisa especificamente a alimentação fora do domicílio no Brasil, Bezerra e Sichieri (2010), ao analisar a frequência dos gastos semanais de acordo com as variáveis socioeconômicas e demográficas, argumentam que o consumo de alimentos fora do lar é maior na região Sudeste para indivíduos mais jovens, homens, com renda maior e maior nível educacional. Bezerra *et al.* (2013) utilizam os dados do consumo individual⁹ da POF 2008-2009 e identificam que a parcela de alimentação fora do domicílio diminui com a idade, aumenta com a renda e é maior em regiões urbanas. Dessa forma, é de se esperar que o efeito de um aumento na idade, por exemplo, seja negativo sobre o consumo de alimentos fora do lar. O contrário é esperado para os anos de estudo: Schlindwein e Kassouf (2007) encontram uma relação negativa entre a escolaridade da mulher e o consumo de alimentos básicos no domicílio e positivo com alimentos prontos e alimentação fora de casa. Já Coelho, Aguiar e Fernandes (2009) encontram menor probabilidade de aquisição de alimentos no domicílio, principalmente de produtos básicos, dado um aumento no nível educacional do chefe do domicílio.

No Quadro 1 são apresentadas as variáveis incluídas no presente estudo como determinantes da decisão de consumo de alimentos fora do domicílio.¹⁰ Todos os efeitos esperados são baseados na literatura analisada. A variável dependente do modelo, que representa a decisão de consumo para cada domicílio, é uma variável binária que assume valor igual a um quando o domicílio apresenta gastos com uma dada categoria e zero, caso contrário.

As primeiras variáveis explicativas incluídas no modelo são referentes à localização domiciliar. Além das variáveis definidas para as regiões brasileiras, foram criadas duas variáveis que tratam da situação do domicílio – rural e metropolitano. A variável rural mede o fato de os domicílios estarem situados em áreas rurais. Espera-se uma relação inversa entre domicílios em áreas rurais e a propensão de consumir alimentos fora do domicílio. Já uma relação direta é esperada para domicílios em áreas metropolitanas. Essas relações são esperadas pelo fato de haver uma maior densidade de estabelecimentos em áreas urbanas.

9 A POF 2008-2009 foi a primeira a aplicar um módulo especial sobre o consumo efetivo de alimentos em nível individual, denominado Inquérito Nacional de Alimentação (INA). Esse módulo foi conduzido com 34.003 indivíduos acima de 10 anos de idade em 24% dos domicílios participantes da POF 2008-2009 (BEZERRA *et al.*, 2013).

10 As médias (com e sem pesos amostrais) das variáveis explicativas encontram-se no Apêndice A.

Quadro 1 - Variável dependente e variáveis explicativas

Variável dependente
Decisão de consumo de alimentação fora de casa por categoria de alimentos: domicílio apresenta gastos com a categoria = 1; caso contrário = 0.
Variáveis explicativas
Localização domiciliar
Rural: domicílio localizado em zona rural = 1; caso contrário = 0. Metropolitano: domicílio localizado em região metropolitana = 1; caso contrário = 0. Norte: domicílio localizado na região Norte = 1; caso contrário = 0. Nordeste: domicílio localizado na região Nordeste = 1; caso contrário = 0. Sul: domicílio localizado na região Sul = 1; caso contrário = 0. Centro-Oeste: domicílio localizado na região Centro-Oeste = 1; caso contrário = 0.
Características domiciliares
Renda mensal <i>per capita</i> : renda mensal <i>per capita</i> excluindo o rendimento da mulher (logaritmo). Mulher chefe e trabalha: chefe de família do sexo feminino e trabalha fora do domicílio = 1; caso contrário = 0. Salário da mulher <i>per capita</i> : variável prevista* na estimação do salário da mulher. Idade: idade do chefe da família. Escolaridade: anos de estudo do chefe de família. Escolaridade da mulher**: anos de estudo da mulher (cônjuge). Branco: chefe da família se declara branco ou amarelo = 1; caso contrário = 0. Doméstica: presença de empregada doméstica = 1; caso contrário = 0. Preparados: gastos com alimentos preparados = 1; caso contrário = 0. Tamanho da família: total de pessoas no domicílio.

continua...

conclusão.

Composição familiar (base família “tradicional”: casal com filhos)

Sozinho = Domicílio composto por um indivíduo sozinho = 1; caso contrário = 0

Mãe/Pai solteiro = Domicílio com crianças sem um dos pais = 1; caso contrário = 0

Múltiplos Adultos = Domicílio composto por múltiplos adultos sem crianças = 1; caso contrário = 0

Fonte: Elaboração própria.

Nota: * Yen (1993) e Jensen e Yen (1996) utilizam os valores previstos da variável salário da mulher estimado por um modelo tobit para corrigir a relação endógena entre essa variável e o modelo de alimentação fora do domicílio como encontrada por Yen (1993). Esse estudo adota o mesmo procedimento que é comum nos estudos sobre FAFH; ** Para se criar a variável “escolaridade da mulher”, sendo a mulher definida como cônjuge, multiplicou-se por uma dummy igual a 1 para quando a mulher não é chefe do domicílio e por 0, caso contrário. Dessa forma, quando a mulher é chefe do domicílio, os anos de estudo da mulher foram captados por meio da variável “escolaridade”.

Buscou-se, por meio das características dos domicílios, captar os diferentes fatores que podem motivar as pessoas a realizar esse tipo de consumo alimentar, assim como os que contribuem na formação das preferências das famílias e outras variáveis, como definidas na teoria da produção domiciliar, que formam as restrições de tempo, envolvendo, principalmente, o custo de oportunidade do tempo. Entre as variáveis, que podem motivar ou não a alimentação fora de casa, estão a variável renda mensal *per capita*, desconsiderando o rendimento da mulher e a variável sobre o tamanho da família. Espera-se uma relação positiva para ambas. Quanto maior a família, portanto, pode-se ter uma maior propensão a gastar com alimentos fora de casa.¹¹

No caso das preferências, foram incorporadas no modelo por meio das variáveis idade, escolaridade e raça. Quanto ao custo de oportunidade, as restrições de tempo são abordadas, principalmente, com relação à mulher/esposa do domicílio, como, por exemplo, a escolaridade da mulher, rendimento da mulher, assim como o fato de a mulher ser chefe do domicílio e trabalhar fora do lar. A expectativa é que as variáveis que tratam do custo de oportunidade da mulher tenham, de modo geral, uma relação positiva com a propensão de consumo com alimentação fora de casa. Isso se deve ao fato de a mulher ser, em geral, a principal responsável pela preparação de alimentos no domicílio. Esse resultado é comumente encontrado em estudos internacionais, como em Yen (1993), Jensen e Yen (1996), Manrique e Jensen (1998) e Keng e Lin (2005). Para o Brasil, como apontado, esse

11 Stewart *et al.* (2004) argumentam que os gastos *per capita* com alimentação fora do domicílio diminuem com o tamanho da família, porém espera-se que a probabilidade de haver gastos aumente.

resultado é encontrado por Schlindwein e Kassouf (2007) por meio da variável escolaridade da mulher. No presente trabalho, busca-se medir o custo de oportunidade da mulher não somente por meio do seu nível de escolaridade, mas também por seu rendimento mensal.

Além disso, são incluídas variáveis para controlar fatores que podem modificar a restrição de tempo da família, como a presença de uma empregada doméstica e se o domicílio apresenta consumo de alimentos preparados.¹² A expectativa inicial é de que essa variável, assim como o consumo de alimentos preparados, apresente também uma relação negativa com a alimentação fora de casa. Isso porque fatores que fazem com que o tempo dos indivíduos seja menos restrito podem aumentar a oportunidade de consumo de alimentos no próprio domicílio, pois ter um empregado doméstico ou ter alimentos prontos pouparia o tempo de preparo do alimento e limpeza após o consumo.

O último grupo de variáveis determina os arranjos familiares que diferem da “família tradicional”¹³ dados pelas variáveis “sozinho”, “mãe/pai solteiro” e “múltiplos adultos”. Normalmente, quando se trata de composição familiar, os estudos brasileiros identificam a presença de crianças, adolescentes e idosos nos domicílios, conforme Silva e Coelho (2014) e Travassos e Coelho (2015). O presente estudo se diferencia dos outros trabalhos ao determinar a composição familiar em termos da estrutura da família. A primeira variável define os domicílios em que indivíduos adultos moram sozinhos, ou seja, domicílios formados por somente uma pessoa. Outro arranjo familiar no domicílio é quando somente um dos pais vive com os filhos sem a presença de um parceiro, definido como cônjuge na POF. A terceira classificação é para domicílios com mais de uma pessoa em que não há presença de crianças. De modo geral, a expectativa é que em famílias formadas por um indivíduo, ou sem a presença de crianças, o consumo de alimentação fora do lar seja maior.

No caso do estudo de Silva e Coelho (2015), os autores encontram uma relação positiva entre a presença de crianças e idosos e a probabilidade de consumo de frutas e hortaliças nas classes de renda média e superior. Entre os diversos fatores que podem explicar esse resultado, pode-se inferir que há uma maior preocupação com alimentação saudável nesses domicílios, e, de certa forma, isso pode refletir em uma menor chance de consumo de alimentação fora do lar.

Outros estudos já comprovaram a importância da composição familiar no consumo de FAFH, como o de Stewart *et al.* (2004), Stewart e Yen (2004) e, mais recentemente, o de Liu, Kasteridis e Yen (2013). Dessa forma, a inclusão dessas variáveis pode indicar como mudanças nas estruturas familiares podem alterar a decisão de consumo de alimentos fora de lar nos domicílios brasileiros.

12 Por alimentos preparados deve-se entender a alimentação comprada fora do domicílio, porém para consumo dentro de casa, como, por exemplo, a alimentação ofertada em serviços de entrega.

13 Como família tradicional pode-se entender domicílios compostos por ambos os pais e filhos.

3 Fonte e Classificação de Dados

Os dados utilizados neste estudo são provenientes dos microdados da POF 2008-2009 (IBGE, 2010b), conduzida pelo IBGE entre 19 de maio de 2008 e 18 de maio de 2009. Essa pesquisa disponibiliza, em forma de microdados, informações sobre a composição orçamentária doméstica e sobre as condições de vida da população, visando mensurar as estruturas de consumo, dos gastos e fontes de rendimento (IBGE, 2010a). A POF 2008-2009 tem um plano amostral denominado conglomerado em dois estágios. Isso quer dizer que a pesquisa possui um plano amostral complexo, composto por amostras aleatórias simples, amostras estratificadas e por conglomerados. Em relação à seleção amostral, inicialmente foram selecionados setores censitários, que constituem em áreas geográficas cadastradas para o Censo Demográfico de 2000. Formou-se, então, uma amostra que é compartilhada por todas as pesquisas domiciliares do IBGE. Essa amostra comum foi denominada amostra mestra, e os setores que a compõem foram dispostos em estratos definidos por um método de estratificação geográfico e estatístico.¹⁴

Em cada estrato foram amostrados setores censitários definidos como as unidades primárias de amostragem (*primary sample units* – PSU) que compuseram a subamostra utilizada na POF. Posteriormente, a partir desses setores foram selecionados 55.970 domicílios por amostragem aleatória simples. As informações foram extraídas por meio dos questionários da POF em entrevistas realizadas ao longo de um ano.

O número de domicílios que compõe a amostra final deste estudo é equivalente a 35.779, sendo domicílios que apresentaram gastos com pelo menos uma categoria e possuíam informações sobre todas as variáveis explicativas consideradas. Este estudo, além de considerar uma amostra para o total brasileiro, buscou definir classes de rendimento para se analisar como a alimentação fora de casa se comporta dentro de cada faixa de renda. Desse modo, os domicílios foram divididos de acordo com as classes de renda definidas na POF pela renda total mensal. Há seis classificações dadas pela POF, que foram agregadas em três níveis de renda apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Classes de rendimento com base na classificação da POF 2008-2009

Classe	Nº de domicílios	Participação na amostra	Intervalo de renda total mensal
Inferior	13.592	37,99%	Até R\$ 1.245,00
Intermediária	16.521	46,18%	De R\$ 1.245,00 até R\$ 4.150,00
Superior	5.666	15,84%	Acima de R\$ 4.150,00

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

14 Mais detalhes sobre a estratificação dos setores censitários podem ser obtidos na *Pesquisa dos orçamentos familiares: despesas, rendimentos e condições de vida* (IBGE, 2010a).

Para se criar as categorias de alimentação fora do domicílio, este estudo se baseou na classificação da POF 2008-2009 (IBGE, 2010a). Há 582 tipos de despesas para esse tipo de alimentação que foram agregados em nove grandes categorias:¹⁵ almoço e jantar; café, leite, café/leite e chocolate; sanduíches e salgados; refrigerantes e outras bebidas não alcoólicas; lanches; cervejas e outras bebidas alcoólicas; alimentação na escola; alimentos *diet* e *light*; e outras.¹⁶

Por fim, deve-se considerar que os dados deste estudo pertencem a um plano amostral complexo, e isso implica que todas as análises estatísticas e econométricas foram realizadas com a inclusão das variáveis amostrais.¹⁷

4 Resultados

Nesta seção são apresentados os resultados da análise da decisão de consumo de alimentos fora do domicílio para o Brasil. Inicialmente, são apresentadas algumas características deste consumo por meio de uma análise descritiva com os dados da POF 2008-2009. Posteriormente, são apresentados os principais resultados da estimação da decisão de consumo para o total brasileiro e para as classes de renda. Por último, estes resultados são comparados com os resultados de alguns trabalhos analisando a alimentação fora do lar para outros países.

4.1 Consumo de Alimentos fora do Domicílio no Brasil

É interessante entender como as participações de gastos *per capita* de alimentação fora do domicílio foram distribuídas entre as categorias. Têm-se, na Tabela 2, as médias das participações nos gastos totais *per capita* com alimentação fora de casa para o total brasileiro e por classes de renda. As médias amostrais não fornecem diretamente as médias populacionais. Desse modo, foram incluídos também os valores representativos da população, os quais podem ser interpretados como as médias do consumo brasileiro.¹⁸

15 O IBGE disponibiliza a documentação da POF em conjunto com os microdados. Nessa documentação contém tradutores das tabelas apresentadas nas publicações da POF que identificam cada produto dentro dos nove grupos de alimentação fora do domicílio. Com isso, é possível identificar os códigos dos alimentos e, assim, buscar na planilha Cadastro de Produtos POF 2008-2009 a qual alimento cada código se refere. Essa planilha também consta na documentação dos microdados.

16 A categoria "outros" agrega os alimentos variados que, de modo geral, não se encaixam nas outras oito categorias. Por exemplo, alguns produtos pertencentes a essa categoria são: pão com manteiga, bala, chiclete, pirulito, sorvete, *milk shake*, biscoito doce e salgado, diversos tipos de doces, como chocolate em barra, bombom, pipoca doce, bolo, tapioca doce e outros, alguns alimentos orgânicos e etc.

17 Variáveis que incorporam a forma de amostragem (desenho amostral) das pesquisas que possuem um plano amostral complexo como a POF e a PNAD.

18 Pelo lado estatístico, a questão importante apontada na Tabela 2 é, principalmente, o quanto se pode subestimar ou superestimar a média populacional quando não se considera o plano amostral nas estimativas. Por exemplo, para a categoria almoço, os valores das participações médias na amostra são inferiores para todos os níveis considerados. Para as outras modalidades, essas médias também são diferentes, maiores ou menores, dependendo do nível de renda.

Tabela 2 - Parcelas dos gastos totais *per capita* mensais com alimentação fora de casa considerando a amostra e a população: total brasileiro e classes de renda

Categoria	Brasil		Classe inferior		Classe intermediária		Classe superior	
	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População
Almoço	44,64%	48,69%	37,04%	37,92%	45,07%	47,99%	61,59%	66,66%
Café	1,88%	2,06%	2,37%	2,50%	1,77%	2,11%	1,05%	1,30%
Sanduiches	9,73%	9,61%	10,70%	11,16%	9,83%	9,85%	7,09%	6,69%
Lanches	14,80%	12,87%	14,86%	14,08%	15,27%	13,14%	13,31%	10,39%
Cerveja	7,65%	6,75%	8,95%	8,16%	7,50%	7,03%	4,95%	3,95%
Refrigerante	8,65%	8,16%	9,63%	9,60%	8,81%	8,48%	5,86%	5,26%
Alimentação na escola	2,36%	2,54%	3,30%	3,78%	2,13%	2,39%	0,79%	1,00%
Alimentos diet e light	0,61%	0,61%	0,65%	0,71%	0,63%	0,62%	0,44%	0,44%
Outros	9,68%	8,71%	12,49%	12,08%	9,00%	8,40%	4,92%	4,33%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

É evidente a predominância do grupo almoço nos gastos com alimentação fora do domicílio, chegando a 48,69% dos gastos totais com essa forma de alimentação. Percebe-se uma menor participação dessa categoria na classe inferior, sugerindo que a renda pode ser uma possível limitante desse consumo. No caso da classe superior, 66,66% dos gastos com alimentação fora de casa são com almoço. Os resultados da classe intermediária são próximos aos da média brasileira. Outras modalidades que se destacam são lanches, sanduíches, outros e as categorias de bebidas, cerveja e refrigerante. A classe inferior apresenta a maior parcela dos gastos com refrigerante e cerveja, com taxas de 9,60% e 8,16%, respectivamente.

As categorias lanches e sanduíches também se destacam mais na classe inferior, sendo 14,08%, para a primeira, e 11,16% para a segunda. Para o grupo outros, há participações expressivas em todos os níveis analisados. Para café, alimentação na escola e alimentos *diet* e *light*, as parcelas não chegam a 3% dos gastos do total brasileiro.

4.2 Decisão de Consumo de Alimentos fora de Casa

A decisão de consumo de alimentos fora do domicílio no Brasil é apresentada a seguir. Para melhor entendimento de como os domicílios optam por se alimentar fora do lar, a análise está dividida entre o total brasileiro e classes de rendimento.

4.2.1 Resultados Probit: Total Brasileiro

Os resultados de todas as categorias para o total brasileiro estão descritos na Tabela 3. Para o teste de hipóteses, os desvios padrões foram obtidos por *bootstrap* a fim de se corrigir os erros que acompanham os valores previstos da variável salário da mulher *per capita*. Vale lembrar ainda que as estimações dos *probits* foram obtidas por meio do pacote estatístico de análise *survey*.¹⁹

19 Os pacotes de análise *survey* incluem as variáveis de estrato PSU e os pesos amostrais na estimação. As estimações realizadas neste estudo foram feitas por meio do programa estatístico *Stata* versão 12 e para se considerar as variáveis amostrais deve-se primeiro declarar a amostra completa, que consiste na identificação de tais variáveis, e, posteriormente, o programa permite utilizar o comando *svy* em vários modelos econométricos, como o modelo de regressão linear (MQO), *probit*, entre outros.

Tabela 3 - Resultados *probit*: sinais significativos a 5% de significância para o total brasileiro (2008-2009)

Variável	Categorias de alimentação fora de casa									
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet</i> e <i>light</i>	Outros	
Localização domiciliar										
Rural			-	-		-		-		-
Metropolitano	+		-		-	-				-
Norte		-		+						
Nordeste	-			+	+					-
Sul		-								
Centro-Oeste	-			+						
Características do domicílio										
Logrenda mensal <i>per capita</i>	+	+		+	+	+		+		+
Salário mulher <i>per capita</i>	+				-					
Idade			-							-
Escolaridade chefe	+			+	+	+		+		-
Escolaridade mulher				+	+					-
Mulher chefe e trabalha		-		+						+
Branco										+
Doméstica	+		-							
Preparados	+		+	+		+				+
Tamanho da família	+	+	+	+	+	+		+		+
Composição familiar										
Sozinho	+					+				-
Mãe solteira/pai solteiro										
Múltiplos adultos	+		+	+	+	+				-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Optou-se por apresentar somente os resultados dos sinais dos parâmetros significativos a 5% devido ao fato de os coeficientes do modelo *probit* não fornecerem diretamente os efeitos marginais das variáveis na probabilidade de gastos. Pode-se observar que há um grande número de parâmetros significativos e que os sinais, em sua maioria, estão de acordo com o esperado.

Entre as variáveis de localização domiciliar, tem-se que Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste buscam captar as diferenças regionais, utilizando como base a região Sudeste. Pode-se verificar que, para a maioria das categorias, os parâmetros tiveram sinais negativos, estabelecendo que a probabilidade de consumo de alimentos fora do domicílio é menor nessas regiões, quando comparadas com a região Sudeste, mesmo quando se controla para as outras variáveis, como para a renda, por exemplo. Isso indica que existem diferenças regionais que podem ser relacionadas a hábitos, preferências e disponibilidade de estabelecimentos de consumo. Os estudos nacionais encontraram menor consumo domiciliar de carnes nas regiões mais desenvolvidas do país. Assim, o que foi encontrado neste estudo está de acordo, por exemplo, com Schlindwein e Kassouf (2006), que indicam que uma menor chance de consumir alimentos no domicílio em regiões desenvolvidas é devido a maior incidência de alimentação fora do lar.

As únicas categorias para as quais os parâmetros apresentaram sinais positivos foram lanches, para Norte, Nordeste e Centro Oeste, e cerveja para Nordeste. Ou seja, a probabilidade de gastos é maior para essas regiões quando comparadas à região Sudeste. Com relação à situação domiciliar, todos os parâmetros significativos apresentaram sinais esperados para a variável rural, estabelecendo uma relação negativa entre morar em áreas rurais e a probabilidade de consumir alimentos fora do lar. Esse resultado não surpreende, dada a maior dificuldade de acesso a estabelecimentos que oferecem alimentação fora do domicílio na zona rural. No caso de domicílios em regiões metropolitanas, foi obtido sinal positivo para a categoria almoço, ou seja, esses domicílios possuem maior probabilidade de consumir almoço fora do domicílio. Esse resultado já era esperado, dado que nessas regiões as pessoas costumam, por exemplo, se alimentar em locais próximos ao local de trabalho.²⁰

Em relação às variáveis características do domicílio, a variável do logaritmo da renda domiciliar *per capita*, excluindo o rendimento mensal da mulher, apresentou sinais positivos e significativos para todas as categorias, com exceção de alimentos *diet* e *light*. Isso confirma a hipótese de que a renda é importante para influenciar esse tipo de alimentação no Brasil e seu efeito é positivo.

20 A distância do trabalho ao domicílio e a falta de tempo no horário do almoço tornam mais provável o consumo de alimentos fora de casa nessas regiões, que também pode ser influenciado pelo maior acesso a estabelecimentos ofertando esse tipo de serviço nesses locais.

Outra variável de rendimento é a variável do salário da mulher *per capita*, que, além de ser uma variável que capta os efeitos da renda, é também uma medida do custo de oportunidade do tempo da mulher. Aumentos no rendimento da mulher estão associados positivamente à probabilidade de consumo da categoria almoço. Esse resultado indica que, pelo lado da renda, quanto maior a contribuição da mulher no rendimento mensal do domicílio, tudo mais constante, maior a probabilidade de se consumir refeições de almoço e jantar fora do domicílio. Quando se analisa pelo lado do custo de oportunidade da mulher, um maior rendimento é um indicativo de mais horas trabalhadas. Isso reflete uma maior probabilidade de o domicílio apresentar gastos com alimentação fora de casa quando se assume, por exemplo, que a mulher é diretamente responsável pela alimentação dentro do domicílio.

No caso da categoria cerveja, que também apresentou parâmetro significativo, observou-se que aumentos no salário da mulher estão relacionados a uma menor probabilidade de consumo. Uma forma de interpretar essa relação negativa é quando se considera que a mulher pode ser mais consciente em relação às formas de alimentação do domicílio, orientando o consumo de alimentos mais saudáveis e influenciando o “não consumo” de bebidas alcólicas fora do domicílio.

O mesmo foi observado na variável que mede a influência de a mulher ser chefe e trabalhar fora. Há uma menor probabilidade de consumo de bebidas alcólicas. Essa mesma variável apresentou sinal positivo para a categoria lanches, que pode refletir a falta de tempo das mulheres na preparação do alimento em casa e a preferência por refeições mais rápidas pelos membros desses domicílios quando se alimentam fora de casa. Schlindwein e Kassouf (2007) encontram um efeito positivo sobre a probabilidade de consumo de alimentos prontos e alimentação fora do lar agregada em domicílios chefiados por mulheres. Quando analisado de forma desagregada, esse efeito parece ser, principalmente, para tipos de alimentação menos tempo-intensivas, como a categoria de lanches. Ainda de acordo com o encontrado pelas autoras, o efeito da escolaridade da mulher foi positivo para as categorias lanches e refrigerantes. Isso indica novamente que a restrição de tempo da mulher é relevante para explicar a alimentação fora do domicílio, principalmente para as categorias de alimentação rápida.

A escolaridade do chefe explica a probabilidade de consumo de alimentos fora do domicílio de maneira similar, dessa forma controlando para as outras variáveis: um ano a mais de estudo para o chefe do domicílio aumenta a probabilidade de consumo das categorias almoço, lanches, refrigerantes e alimentos *diet* e *light*, indicando, por exemplo, que, além do aumento na probabilidade de consumir as categorias mais comuns na dieta dos brasileiros, dada pelas três primeiras, maiores níveis educacionais podem levar a uma maior atenção para produtos dietéticos e menos calóricos. O efeito positivo sobre refeições de almoço e jantar indicam que

o tempo do chefe do domicílio (homem ou mulher) tem mais influência sobre a alimentação fora de casa. Esse resultado está de acordo com Bezerra e Sichiari (2010).

Para a variável de raça, o sinal foi significativo somente para alimentos *diet* e *light*: tem-se, então, uma relação positiva entre o chefe se autodeclarar branco e a probabilidade de consumo desses alimentos. Isso pode indicar um aspecto de preferência por produtos *diet* e *light* nesse grupo ou uma maior preocupação com a saúde e a estética corporal.

A presença de um empregado doméstico foi significativa somente para as categorias almoço e sanduíches. No caso da última, o sinal foi negativo, o que é justificável, pois a presença de empregada doméstica em casa pode diminuir a necessidade de se fazer refeições fora do domicílio. Esse resultado está de acordo com o esperado, porém, para a categoria almoço, o sinal foi positivo e significativo a 5%. Assim, o fato de um domicílio ter um empregado doméstico aumenta a probabilidade de apresentar gasto com almoço e jantar fora de casa. Isso parece contraintuitivo, pois a presença de empregada, em tese, facilitaria o preparo de alimentos. Entretanto, como o empregado pode ser responsável apenas pela limpeza, essa associação talvez indique que quem tem pouco tempo livre para se alimentar em casa também geralmente contrata uma empregada. Talvez a dificuldade (ou impossibilidade) em voltar ao domicílio no horário do almoço prevaleça nesse caso.

No caso da categoria preparados, em comparação com as cinco categorias com parâmetros significativos, os sinais foram positivos. Esperava-se uma relação inversa, pois a presença de alimentos prontos diminui a restrição de tempo no lar. No entanto, o que parece ser relevante aqui é novamente a questão do tempo, ou seja, quem consome alimentos prontos também tem pouco tempo para o preparo de alimentos. Além disso, pode ser uma questão de preferência: as pessoas simplesmente podem preferir alimentos prontos, tanto dentro, quanto fora do domicílio.

As últimas variáveis analisadas com relação às características do domicílio foram idade e tamanho da família. Observou-se, de modo geral, uma relação negativa entre a idade do chefe e a probabilidade de se alimentar fora de casa. No caso do tamanho da família, o resultado foi o esperado, quanto maior o número de pessoas no domicílio, maior a probabilidade apresentar gastos com alimentação fora casa.

As variáveis de composição familiar sozinho e múltiplos adultos apresentaram, de modo geral, resultados esperados. A primeira foi significativa para quatro das nove categorias analisadas, enquanto a segunda foi significativa para seis categorias. Os sinais foram, para a maioria, positivos, com exceção de alimentação na escola e outros para a variável sozinho e alimentação na escola para múltiplos

adultos. Não surpreende a relação negativa entre as chances de se alimentar na escola e domicílios sem a presença de crianças.

4.2.2 Resultados Probit: Classe de Renda

As Tabelas 8, 9 e 10 (ver Apêndice B) apresentam os resultados dos *probits* para as classes inferior, intermediária e superior, respectivamente. De modo geral, percebe-se que os resultados não diferiram para a maioria das variáveis do modelo. Os resultados para as variáveis de localização domiciliar indicam que os domicílios localizados em regiões metropolitanas apresentam maior probabilidade de consumir a categoria lanches para a classe inferior. Isso pode ser explicado quando se espera que esse tipo de alimentação represente um consumo mais acessível a essa classe nessas regiões, enquanto a categoria almoço parece ser a mais propensa a ser consumida pela classe superior em regiões metropolitanas. É interessante notar que na região Norte, em comparação com a região Sudeste, há uma maior propensão de consumo de almoço para a classe inferior, o que pode indicar que essa categoria é mais acessível à população de baixa renda, sendo, por exemplo, reflexo de custos mais baixos dessas refeições nessa região.

Os resultados das variáveis de características do domicílio mostram que o *log* da renda mensal *per capita* apresentou um resultado interessante entre as classes de renda. Observou-se que essa variável não foi significativa para nenhuma categoria na classe de renda mais baixa e foi significativa para somente uma categoria na classe superior, enquanto a probabilidade de se alimentar fora do domicílio para a classe de renda intermediária parece ser a mais afetada por variações na renda. Desse modo, pode-se justificar que, na classe de renda inferior, aumentos na renda não aumentarão a probabilidade de consumir alimentos fora do domicílio porque o consumo fora de casa não parece ser um hábito, ou, ainda, é uma opção muito cara frente ao nível de renda familiar. Enquanto isso, na classe de renda superior, os aumentos da renda também não impactarão de forma significativa esse hábito. Isso ocorre provavelmente porque o acesso a esses bens já é quase universal nessa classe e a renda pouco influencia no momento de adquirir ou não a partir de determinado patamar.

4.2.3 Efeitos Marginais:²¹ Total Brasileiro e Classes de Renda

Os sinais dos efeitos marginais são os mesmos dos coeficientes estimados. A Tabela 4 descreve os resultados dos efeitos marginais para o total brasileiro. Os maiores destaques nas variáveis de localização, em termos positivos, estão nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste para a categoria lanches, podendo indicar que seus produtos representam uma alimentação mais barata nessas regiões.²² No caso da variável Nordeste, há um aumento nas chances de consumo em 8,80 pontos percentuais. Pode-se destacar também o efeito marginal esperado da categoria almoço para a variável metropolitano (3,22 pontos percentuais), porém menos expressivo que outros efeitos entre as variáveis de localização.

21 Os efeitos marginais foram obtidos utilizando o comando *margins* do *Stata* 12, que faz uma média dos efeitos marginais de todas as observações da amostra. As tabelas com os resultados se encontram no Apêndice B deste trabalho.

22 Lembrando que os resultados para as regiões brasileiras são sempre em relação à região Sudeste.

Tabela 4 - Efeitos marginais das variáveis de localização domiciliar, características do domicílio e composição familiar para o total brasileiro (2008-2009)

Variável	Categorias de Alimentação Fora de Casa								
	Almoço	Café	Sanduiche	Lanches	Cerveja	Refriger.	A. Escola	ADiet/Light	Outros
Localização domiciliar									
Rural	0,0184	0,00506	-0,059***	-0,0431***	0,00946	-0,0525***	-0,00625	-0,0180***	-0,050***
Metropolitano	0,0322***	-0,00035	-0,084***	0,00642	-0,0422***	-0,0746***	-0,0464***	-0,00473	-0,071***
Norte	-0,00518	-0,0312***	-0,01	0,0608***	-0,0112	0,0258	-0,0835***	0,0014	0,0156
Nordeste	-0,0233**	-0,0478***	0,000377	0,0880***	0,0380***	-0,0208	-0,0308***	-0,00791	0,0166
Sul	0,0216	-0,0364***	-0,076***	-0,0149	-0,00525	-0,0172	-0,0290***	-0,000254	-0,02
Centro-Oeste	-0,0488***	-0,0314**	-0,080***	0,0457***	-0,0290**	-0,0445**	-0,0353***	0,00062	-0,0375
Características do domicílio									
Log renda mensal <i>per capita</i>	0,0371***	0,0087***	0,0157***	0,0195***	0,0168***	0,0135***	0,00415***	0,00147	0,00737**
Salário mulher <i>per capita</i>	0,00002**	-0,000002	-0,000003	-0,00002	-0,00004**	0,0000261	0,0000107	0,00000402	0,0000199
Idade	0,0000278	0,000429	-0,002***	-0,0015***	-0,0012***	-0,0019***	-0,00097***	0,00014	-0,0017***
Escolaridade chefe	0,00990***	-0,00012	0,000523	0,00553***	-0,000244	0,00262**	-0,00323***	0,000151***	-0,00320**
Escolaridade mulher	0,0014	0,000338	0,000341	0,00281**	0,00106	0,00297**	-0,00228***	0,000496	0,00151
Mulher chefe e trabalha	-0,0144	-0,0313***	0,0191	0,0461***	-0,0308**	0,0055	-0,00755	-0,0019	0,0360***
Branco	0,0118	-0,00222	0,00433	-0,00113	-0,000956	0,00896	-0,00208	0,0103***	-0,0151
Doméstica	0,117***	-0,000695	-0,0430***	0,000387	0,00107	0,001	-0,0318***	-0,00454	-0,0266
Preparados	0,0278***	-0,00207	0,0733***	0,0547***	0,0111	0,0529***	-0,00196	0,000445	0,0585***
Tamanho da família	0,0133***	0,00623***	0,0344***	0,0353***	0,0144***	0,0351***	0,00921***	0,00599***	0,0404***
Composição Familiar									
Sozinho	0,111***	0,0195	0,00718	-0,0255	0,0295	0,0468**	-0,0881***	0,00508	-0,0414**
Mãe solteira/pai solteiro	-0,0224	-0,0202	0,00383	0,0233	-0,0262**	0,00873	0,00976	-0,000946	0,0116
Múltiplos adultos	0,0542***	0,00736	0,0331***	0,0426***	0,0412***	0,0570***	-0,0513***	0,00592	-0,00889

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: Nível de significância: ** p < 0,05 e *** p < 0,01.

A variável *log* da renda *per capita* apresentou efeito marginal mais expressivo para a categoria almoço, sendo de 3,71 pontos percentuais. A variável doméstica apresentou um efeito marginal positivo bastante elevado para a categoria almoço, de 11,7 pontos percentuais. Para as categorias sanduíche e alimentação na escola, os efeitos marginais foram os esperados para essa variável, porém menores, -4,30 e -3,18, respectivamente. É notável que o consumo de alimentos preparados apresentou efeitos mais expressivos para as categorias sanduíche, lanches, refrigerante e outros. Pode-se destacar também que a variável tamanho da família apresentou os maiores efeitos positivos para as mesmas categorias. Por último, destacam-se os domicílios com somente um indivíduo e os domicílios sem crianças sobre o consumo de almoço e jantar, com efeito marginal de 11,1 p.p. e 5,42 p.p., respectivamente. Com relação aos efeitos marginais negativos, a categoria alimentação na escola foi a que apresentou valores notáveis para os dois tipos de domicílio.

As Tabelas 11, 12 e 13 (ver Apêndice B) trazem os resultados dos efeitos marginais para as classes inferior, intermediária e superior, respectivamente. Verifica-se que o fato de o domicílio estar localizado em áreas rurais diminui, de modo geral, a probabilidade de consumo de alimentos fora de casa, com exceção da categoria cerveja para a classe intermediária. Para a categoria metropolitano, os efeitos positivos destacam-se entre as categorias lanches na classe inferior (5,15 p.p.) e almoço na classe superior (4,53 p.p.), apontando para possíveis diferenças de preços para tais categorias nessa região. A categoria lanches se destaca na região Nordeste na classe inferior (6,64 p.p.) e nas regiões Norte e Nordeste nas classes intermediária e superior, indicando que essas regiões podem preferir essa forma de alimentação fora do domicílio por questões de preços. A categoria almoço para a variável Norte teve efeito de 5,56 p.p., indicando que os preços na região Norte devem ser menores, quando comparados ao do Sudeste. Para a classe intermediária, domicílios uniparentais apresentaram um efeito positivo na categoria lanches (5,75 p.p.), indicando que o fato de haver somente um dos pais no domicílio aumenta a probabilidade de consumo. A variável doméstica teve efeito positivo e significativo somente para a classe intermediária. Os efeitos das variáveis preparados e tamanho da família seguem o mesmo padrão do total brasileiro entre as classes de renda. Os maiores efeitos dos domicílios unipessoais são para almoço na classe intermediária (13,3 p.p.) e sanduíches na classe superior (14,1 p.p.). Para múltiplos adultos, os maiores efeitos positivos são para cerveja e refrigerantes na classe superior, com 6,72 e 9,10 p.p., respectivamente. Isso indica que a chance de consumir bebidas alcólicas e não alcólicas fora do domicílio aumenta muito para famílias sem crianças na classe de renda superior.

4.3 Evidências Internacionais: Comparação com o Caso Brasileiro

Os resultados encontrados para o Brasil parecem seguir uma tendência observada em diversos países. Há diversos estudos internacionais, principalmente para os Estados Unidos, que buscaram identificar os determinantes da alimentação fora do domicílio. Em destaque, o estudo de McCracken e Brandt (1987) apresentam resultados interessantes sobre os gastos com alimentos fora do lar por tipo de estabelecimento nos Estados Unidos. As principais variáveis incluídas foram tamanho e composição das famílias, renda e valor do tempo. O custo de oportunidade, medido pelos salários dos chefes do domicílio, teve um efeito maior para estabelecimentos de alimentação rápida e outros estabelecimentos comerciais do que refeições em restaurantes. Esse resultado é similar ao encontrado no presente estudo quando são observadas as variáveis relacionadas à educação do chefe e da mulher. O consumo, em especial, das categorias que envolvem lanches e bebidas não alcoólicas fora de casa é positivamente afetado por aumentos em ambas as variáveis. Os autores ainda abordam um efeito negativo com relação à idade dos chefes e para os indivíduos de raças diferentes da raça branca. Os efeitos da renda e da composição familiar também foram importantes na explicação da alimentação fora de casa. Em suma, os autores concluem que a indústria de *food service* deve focar suas estratégias de *marketing* principalmente na classe média de rendimento e famílias maiores. Para o Brasil, o resultado é similar: a classe intermediária de renda parece ser a mais influenciada pela renda. Além disso, a idade também é um fator que diminui as chances de consumo de alimentos fora de casa no Brasil.

Byrne *et al.* (1998) também trazem evidências de que o Brasil está seguindo os padrões internacionais em termos de alimentação fora do domicílio. Aumentos nas chances de consumo são verificados com aumentos na participação do trabalho do chefe, urbanização, renda, educação. O tamanho das famílias teve efeito positivo somente para alimentação rápida. Stewart *et al.* (2004) também apresentam o mesmo resultado para alimentação rápida. No caso brasileiro, o tamanho da família influencia positivamente a alimentação fora de casa, e para as classes de rendimento esse efeito não é verificado para refeições de almoço e jantar, que, por hipótese, demandam mais tempo dos indivíduos.

Estudos de outros países, como os de Keng e Lin (2005) e Bai *et al.* (2012) a respeito de China e Taiwan, respectivamente, indicam que os resultados encontrados para o Brasil seguem também o que está ocorrendo em países em desenvolvimento. Em destaque, Keng e Lin (2005) atestam efeitos significativos para o salário da mulher. Yen (1993) e Manrique e Jensen (1998) também identificam que a participação da mulher no mercado de trabalho é cada vez mais importante na explicação do consumo de alimentos fora do lar para os Estados Unidos e Espanha, respectivamente. No Brasil, a participação da mulher no mercado de trabalho,

quando medida por seus rendimentos, ainda parece não ter grande influência nas categorias de alimentos consideradas, sendo importante somente almoço e janta fora de casa. No entanto, o salário da mulher na classe superior aumenta as chances de consumo de alimentação na escola.

Stewart e Yen (2004) buscam medir os efeitos das estruturas familiares no consumo de alimentação fora de casa. Em termos de gastos, os autores argumentam que os estabelecimentos que mais se beneficiariam do aumento de famílias sem crianças seriam os de alimentação rápida. No presente estudo, os resultados apontam que esse efeito é verificado para a maioria das categorias consideradas, tanto em domicílios unipessoais, quanto em domicílios com múltiplos adultos. Além disso, famílias uniparentais tiveram efeito positivo sobre o consumo de lanches na classe intermediária.

5 Considerações Finais

Este estudo é o primeiro a investigar os fatores determinantes da decisão de alimentação fora do domicílio para diferentes categorias de alimentos no Brasil. O trabalho utiliza os dados da POF 2008-2009, buscando captar os efeitos das variáveis socioeconômicas e demográficas na probabilidade de consumo dessas categorias para o total de domicílios brasileiros e estratificados por classes de rendimento. O trabalho almeja contribuir como um primeiro passo para se identificar as variáveis que podem influenciar esse consumo, dado que a alimentação fora do domicílio vem representando uma parcela crescente na dieta dos consumidores brasileiros.

Os resultados mostram que as variáveis, de modo geral, são importantes para explicar a decisão de consumo. Em destaque, a renda apresentou um resultado muito interessante quando comparada entre as classes de rendimento. No Brasil, domicílios nos extremos de renda parecem pouco sofrer influência de variações da renda quanto à probabilidade de consumo de alimentação fora de casa. Em outras palavras, aumentos na renda tem efeito a partir de um patamar de rendimento e parecem impactar mais a classe intermediária. Outro esforço deste trabalho é incluir variáveis que medem o custo de oportunidade do tempo, como variáveis relacionadas à mulher e ao chefe do domicílio. As variáveis referentes à mulher indicam que a restrição de tempo da mulher é um fator relevante na explicação da alimentação fora de casa, principalmente para almoço, lanches e alimentação na escola para a classe superior. Ao contrário das evidências internacionais, o salário da mulher como medida de seu custo de oportunidade do tempo ainda parece pouco impactar a decisão de alimentação fora de casa no Brasil.

Outra contribuição deste estudo é com relação à inclusão de variáveis que medem as diferentes estruturas familiares. A experiência internacional aponta que

famílias que se distanciam do conceito de família tradicional são cada vez mais comuns e suas decisões de consumo de alimentos são afetadas pela estrutura familiar. De modo geral, essas variáveis se mostraram importantes para explicar o aumento do consumo de alimentação fora de casa, principalmente em domicílios formados por um único membro ou sem a presença de crianças. Há ainda uma maior propensão de consumo de bebidas em domicílios sem crianças em classes de renda maiores. Pode-se, por fim, apontar os efeitos das variáveis que afetam a restrição de tempo das famílias. De modo geral, estas se mostraram importantes determinantes da decisão de consumo, indicando que o tempo é um fator limitante e que pode aumentar a demanda dos domicílios brasileiros por alimentos fora do lar.

As mudanças no padrão de consumo dos brasileiros e, principalmente, o aumento da alimentação fora do domicílio seguem a tendência mundial, que são, de maneira direta ou não, reflexos da globalização. A análise contida neste trabalho permite concluir que os brasileiros sofrem influência de suas características socioeconômicas e demográficas, que são verificadas também em outros países, quando se trata do consumo de alimentos fora do domicílio. Além disso, o estudo contribuiu para preencher a lacuna sobre o consumo de alimentos contida nos estudos nacionais que tratam principalmente da alimentação dentro do domicílio.

Esses resultados possuem implicações de diversas formas tanto sobre a indústria de *food service*, quanto para o poder público. No primeiro caso, por exemplo, as estratégias de *marketing* podem focar em famílias mais jovens, dada que a propensão de consumo diminui com a idade. Além disso, a indústria deve ficar atenta aos efeitos do aumento da renda dos indivíduos, pois quanto mais famílias entrarem na classe média, maiores serão os efeitos sobre o consumo de alimentos fora do lar. No segundo caso, os aspectos nutricionais da população tornam-se um fator importante devido aos seus reflexos sobre a saúde pública. De certa forma, quanto mais o tempo dos indivíduos é importante nas decisões de consumo, maiores são as chances de consumo de lanches e refrigerantes, que, por hipótese, são alimentos menos saudáveis. Por fim, destaca-se que as relações entre o consumo de alimentos fora do lar e questões relacionadas à saúde podem ainda ser mais exploradas em pesquisas futuras para o caso brasileiro.

Referências

- BAI, J. *et al.* Disaggregating household expenditures on food away from home in Beijing by type of food facility and type of meal. *China Agricultural Economic Review*, v. 4, n. 1, p. 18-35, 2012.
- BECKER, G. A theory of allocation of time. *Economic Journal*, v. 75, n. 299, p. 493-508, 1965.

BEZERRA, I. N. *Alimentação fora do domicílio no Brasil e sua associação com obesidade: pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003*. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BEZERRA, I. N. *et al.* Consumo de alimentos fora do domicílio no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 47, n. 1 (supl.), p. 200S-211S, 2013.

BEZERRA, I. N.; SICHIERI, R. Characteristics and spending on out-of-home eating in Brazil. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 2, p. 221-299, 2010.

BYRNE, P.; CAPPS JR.; O., SAHA, A. Analysis of quick-serve, mid-scale, and up-scale food away from home expenditures. *The International Food and Agribusiness Management Review*, v. 1, n. 1, p. 51-72, 1998.

CLARO, R. M. *et al.* Trends in spending on eating away from home. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 7, p. 1418-1426, 2014.

COELHO, A. B.; AGUIAR, D. R. D.; EALES, J. S. Food demand in Brazil: an application of Shonkwiler and Yen Two-Step estimation method. *Estudos Econômicos*, v. 40, n. 1, p. 186-211, 2010.

COELHO, A. B.; AGUIAR, D. R. D.; FERNANDES, E. A. Padrão de consumo de alimentos no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 47, n. 2, p. 335-362, 2009.

HOFFMANN, R. Comparando a alimentação dentro e fora do domicílio, no Brasil, em 2008-2009. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2013.

IBGE. *Microdados da POF 2008-2009 (Pesquisa de Orçamentos Familiares)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. 1 CD-ROM.

_____. *Pesquisa de orçamentos familiares: despesas, rendimentos e condições de vida*. Rio de Janeiro, 2010a.

JENSEN, H.; YEN, S. Food expenditures away from home by type of meal. *Canadian Journal of Agricultural Economics*, v. 44, p. 67-80. 1996.

KENG, S.H.; LIN, C. H. Wives' value of time and food consumed away from home in Taiwan. *Asian Economic Journal*, v. 19, n. 3, p. 320-34, 2005.

LIU, M.; KASTERIDIS, P.; YEN, S. T. Breakfast, lunch, and dinner expenditures away from home in the United States. *Food Policy*, v. 38, p. 156-164, 2013.

MANRIQUE, J.; JENSEN, H. Working women and expenditures on food away-from-home and at-home in Spain. *Journal of Agricultural Economics*, v. 49, p. 321-33, 1998.

MCCRACKEN, V.; BRANDT, J. Household consumption of food away from home: total expenditure and by type of food facility. *American Journal of Agricultural Economics*, v. 69, n. 2, p. 274-84, 1987.

MIN, I.; FANG, C.; LI, Q. Investigation of patterns in food-away-from-home expenditure for China. *China Economic Review*, v. 15, n. 4, p. 457-476, 2004.

POPKIN, B. M. Technology, transport, globalization and the nutrition transition food policy. *Food Policy*, v. 31, n. 6, p. 554-569, 2006.

PROCHASKA, F. J.; SCHRIMPER, R. A. Opportunity cost of time and other socioeconomic effects on away-from home food consumption. *American Journal of Agricultural Economics*, v. 55, n. 4, p. 595-603, 1973.

SCHLINDWEIN, M. M.; KASSOUF, A. L. Análise da influência de alguns fatores socioeconômicos e demográficos no consumo domiciliar de carnes no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 44, n. 3, p. 549-572, 2006.

_____. Influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 37, n. 3, p. 489-520, 2007.

SILVA, M. M. C.; COELHO, A. B. Demanda por frutas e hortaliças no Brasil: uma análise da influência dos hábitos de vida, localização e composição domiciliar. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 44, n. 3, p. 545-578, 2014.

STEWART H, YEN, ST. Changing household characteristics and the away-from-home food market: a censored equation system approach. *Food Policy*, v. 29, n. 6, p. 643-658, 2004.

STEWART, H. *et al.* The demand for food away from home: table service or fast food? *Agricultural Economic Report*, n. 829, p. 1 -20, 2004.

TRAVASSOS, G. F.; COELHO, A. B. A questão da separabilidade fraca na estimação de sistemas de demanda: uma aplicação para a demanda de carnes no Brasil. *Economia Aplicada*, v. 19 n. 3, p. 507-539, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Diet, nutrition and the prevention of chronic diseases. Geneva: WHO, 2003. (WHO Technical Report Series, n. 916).

_____. Obesity: preventing and managing the global epidemic. Geneva: WHO, 2000. (WHO technical report series, n. 894).

YEN, S.T. Working wives and food away from home: the box-cox double hurdle model. *American Journal of Agricultural Economics*, v. 75, n. 4, p. 884-895, 1993.

Apêndice A - Médias das Variáveis de Localização, Características do Domicílio e Composição Familiar

Tabela 5 - Médias amostrais e da população das variáveis de localização: total brasileiro e classes de renda

Variável	Localização									
	Brasil		Classe inferior		Classe intermediária		Classe superior			
	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População		
Norte	14,01%	6,91%	15,33%	9,28%	13,54%	6,46%	12,23%	4,35%		
Nordeste	33,85%	24,71%	47,62%	42,51%	26,94%	18,44%	20,99%	12,35%		
Sudeste	26,85%	47,18%	19,70%	32,80%	30,52%	51,77%	33,27%	58,31%		
Sul	11,83%	14,46%	6,51%	9,17%	14,22%	16,43%	17,62%	17,89%		
Centro-Oeste	13,46%	6,74%	10,84%	6,23%	14,78%	6,91%	15,89%	7,10%		
Rural	20,93%	13,59%	29,18%	24,31%	17,90%	10,60%	9,92%	4,27%		
Região Metropolitana	30,22%	38,74%	22,91%	30,11%	31,52%	39,19%	43,97%	50,79%		

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: A diferença entre as médias amostrais e as médias da população é a utilização dos pesos amostrais. Para o cálculo das médias da população são utilizados os fatores de expansão da amostra (pesos) da POF 2008-2009.

Tabela 6 - Médias amostrais e da população das variáveis de características do domicílio: total brasileiro e classes de renda

Variável	Características do domicílio									
	Brasil		Classe inferior		Classe intermediária		Classe superior			
	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População		
Tamanho da família	3,47	3,37	3,28	3,20	3,59	3,45	3,59	3,44		
Renda per capita*	679,59	859,31	216,00	229,21	540,17	593,35	2.198,5	2.436,85		
Salário per capita	372,21	444,21	155,28	160,15	295,98	315,64	1.012,8	1.089,20		
Idade chefe	45,75	46,19	43,29	43,51	46,56	46,49	49,28	49,57		
Estudo chefe	6,93	7,50	5,03	5,16	7,13	7,39	10,91	11,30		
Estudo mulher	4,54	4,80	2,97	2,94	4,82	4,88	7,50	7,45		
Chefe negro	57,28	48,58	70,29	66,31	54,22	46,59	34,99	26,30		
Mulher trabalha	26,28	26,59	29,76	31,11	24,99	25,33	21,69	22,67		
Doméstica	9,08	9,62	1,82	1,59	6,80	5,71	33,13	30,98		
Alimentos preparados	15,70	18,26	9,26	9,92	16,75	18,74	28,08	29,79		

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: A diferença entre as médias amostrais e as médias da população é a utilização dos pesos amostrais. Para o cálculo das médias da população são utilizados os fatores de expansão da amostra (pesos) da POF 2008-2009; * A variável renda mensal per capita não considera o rendimento da mulher;

Tabela 7 - Médias amostrais e da população das variáveis de composição familiar: total brasileiro e classes de renda

Variável	Composição familiar							
	Brasil		Classe inferior		Classe intermediária		Classe superior	
	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População
Tradicional	36,38%	34,69%	36,9%	35,72%	37,4%	36,25%	32,0%	29,50%
Sozinho	9,10%	9,95%	14,4%	15,61%	5,98%	7,55%	5,51%	6,94%
Mãe solteira	9,24%	8,48%	12,7%	13,23%	7,80%	7,15%	5,05%	4,38%
Múltiplos adultos	45,28%	46,88%	35,9%	35,44%	48,7%	49,05%	57,4%	59,18%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: A diferença entre as médias amostrais e as médias da população é a utilização dos pesos amostrais. Para o cálculo das médias da população são utilizados os fatores de expansão da amostra (pesos) da POF 2008-2009.

Apêndice B - Resultados Probits e Efeitos Marginais para as Classes de Renda

Tabela 8 - Resultados probit: sinais significativos a 5% de significância para a classe inferior (2008-2009)

Variável	Categorias de alimentação fora de casa									
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet</i> e <i>light</i>	Outros	
Localização domiciliar										
Rural			-			-		-		-
Região metropolitana			-	+		-				-
Norte	+	-								
Nordeste		-		+						
Sul		-		-						-
Centro-Oeste			-							
Características do domicílio										
<i>Log</i> renda mensal <i>per capita</i>										
Salário mulher <i>per capita</i>										
Idade			-			-				+
Escolaridade chefe	+		+	+		+				
Escolaridade mulher	+									
Mulher chefe e trabalha		-				+				+
Branco										
Doméstica										
Alimentos preparados			+	+		+				+
Tamanho da família			+	+		+		+		+
Composição familiar										
Sozinho	+			-						-
Mãe solteira/pai solteiro		+	+	+		+				-
Múltiplos adultos										

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Tabela 9 - Resultados proibit: sinais significativos a 5% de significância para a classe intermediária (2008-2009)

Variável	Categorias de alimentação fora de casa									
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet e light</i>	Outros	Outros
Localização domiciliar										
Rural	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
Região metropolitana	-	-	-	+	-	+	-	-	-	+
Norte	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-
Nordeste	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-
Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Centro-Oeste	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
Características do domicílio										
<i>Log</i> renda mensal <i>per capita</i>	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Salário mulher <i>per capita</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Idade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Escolaridade chefe	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Escolaridade mulher	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mulher chefe e trabalha	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+
Branco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Doméstica	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Alimentos preparados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tamanho da família	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Composição familiar										
Sozinho	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Mãe solteira/pai solteiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Múltiplos adultos	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Tabela 10 - Resultados *probit*: sinais significativos a 5% de significância para a classe superior (2008-2009)

Variável	Categorias de alimentação fora de casa								
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet</i> e <i>light</i>	Outros
Localização domiciliar									
Rural		-							
Região metropolitana	+			+	-	-	-		-
Norte		-		+	+				
Nordeste		-							
Sul									
Centro-Oeste	-			+					
Características do domicílio									
<i>Log</i> renda mensal <i>per capita</i>		+					+		
Salário mulher <i>per capita</i>									
Idade				-	-	-			-
Escolaridade chefe									
Escolaridade mulher	+					+			+
Mulher chefe e trabalha									
Branco	+								+
Doméstica									
Alimentos preparados		+	+	+	+	+	-		+
Tamanho da família		+	+	+	+	+	+		+
Composição familiar									
Sozinho		+							
Mãe solteira/pai solteiro									
Múltiplos adultos	+		+		+	+	-		-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Tabela 11 - Efeitos marginais das variáveis de localização domiciliar, características do domicílio e composição familiar para a classe inferior (2008-2009)

Variável	Categorias de alimentação fora de casa									
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet e light</i>	Outros	
Localização domiciliar										
Rural	0,0258	0,014	-0,0440***	-0,0192	0,00924	-0,0459***	-0,0121	-0,0113**	-0,061***	
Região metropolitana	0,0199	-0,00806	-0,0534***	0,0515***	-0,0274**	-0,0462***	-0,0532***	0,00271	-0,073***	
Norte	0,0556**	0,0261**	-0,0279	0,0314	-0,00768	-0,0073	-0,111***	-0,00164	-0,015	
Nordeste	0,00491	0,043***	0,0148	0,0664***	0,0443***	-0,00927	-0,0342***	-0,00732	0,0139	
Sul	0,0387	-0,07***	-0,0548	-0,0621**	-0,00802	0,0234	-0,0442***	0,00445	-0,065***	
Centro-Oeste	-0,0184	-0,0103	-0,0836***	0,0158	-0,0457***	-0,00725	-0,0396***	0,00265	-0,0296	
Características do domicílio										
Logrenda mensal <i>per capita</i>	0,0003	0,00497	0,0102	0,00914	-0,000409	0,0036	0,00735	0,000367	0,00689	
Salário mulher <i>per capita</i>	-0,000117	0,000014	-0,0000288	-0,0000921	-0,0002***	-0,00005	0,0000257	0,0000204	0,0000278	
Idade	-0,000112	0,000295	-0,0016***	-0,0013***	0,00102***	-0,00127***	-0,00092***	0,000281**	-0,000876	
Escolaridade chefe	0,00588***	-0,00109	0,00433***	0,00703***	-0,00105	0,00522***	-0,00242***	0,000878	-0,0037	
Escolaridade mulher	0,00406**	0,000407	0,00181	0,00289	0,00116	0,00258	-0,00312***	0,000268	0,00161	
Mulher chefe e trabalha	0,0117	0,0293**	0,0317	0,0246	-0,0615***	0,0400**	-0,00252	0,00919	0,0551***	
Branco	0,00424	-0,00242	-0,00719	0,0069	-0,0144	-0,0123	-0,0011	0,00571	-0,019	
Doméstica	0,0897	0,0324	-0,00518	0,0581	-0,103***	0,0111	-0,025	0,0125	-0,0154	
Alimentos preparados	0,02	-0,0104	0,0958***	0,0536***	0,0344**	0,0672***	-0,0112	0,00575	0,0541***	
Tamanho da família	-0,00363	0,00401	0,0164***	0,0155***	-0,00496	0,0165***	0,0100***	0,00387***	0,0347***	
Composição familiar										
Sozinho	0,100**	0,0301	-0,00724	-0,0527**	0,0227	0,0231	-0,111***	-0,00828	-0,0638	
Mãe solteira/pai solteiro	-0,0419	-0,00836	0,0226	0,0255	-0,0123	0,00311	0,0118	-0,0027	0,0252	
Múltiplos adultos	0,0224	0,0198**	0,0390**	0,0439***	0,0443***	0,0588***	-0,0528***	0,00364	0,00692	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: Nível de significância: ** p < 0,05 e *** p < 0,01.

Tabela 12 - Efeitos marginais das variáveis de localização domiciliar, características do domicílio e composição familiar para a classe intermediária (2008-2009)

Variável	Categorias de Alimentação Fora de Casa								
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet</i> e <i>light</i>	Outros
Localização domiciliar									
Rural	0,0178	-0,00946	-0,0448***	-0,0335**	0,0219**	-0,0294	-0,00429	-0,0178**	-0,0547***
Região metropolitana	0,0327	-0,00493	-0,0732***	-0,00741	-0,0432***	-0,0796***	-0,0438***	-0,0141***	-0,0749***
Norte	-0,0269	-0,0256	0,0115	0,0682***	-0,0159	0,0533***	-0,0726***	0,00157	0,0407**
Nordeste	-0,00888	-0,0397***	0,0155	0,102***	0,0488***	-0,00627	-0,0336***	-0,00622	0,0212
Sul	0,013	-0,0307***	-0,0726***	-0,0275	-0,0174	-0,0266	-0,0194**	0,000481	-0,00949
Centro-Oeste	-0,0657***	-0,0364***	-0,0921***	0,0443**	-0,0388***	-0,0664***	-0,0292**	0,00411	-0,0573***
Características do domicílio									
<i>Log</i> renda mensal <i>per capita</i>	0,0145**	0,00605	0,0196***	0,0253***	-0,00108	0,0218***	0,0121***	-0,00128	0,0073
Salário mulher <i>per capita</i>	-0,0000379	0,00000184	0,0000141	0,0000166	-0,00007**	0,0000643	0,0000235	-0,0000028	0,0000537
Idade	-0,0013***	0,000355	-0,0020***	-0,0012***	-0,00151***	-0,0024***	-0,0010***	0,000108	-0,0021***
Escolaridade chefe	0,00347**	-0,0000183	-0,000847	0,00419***	-0,00142	0,000798	-0,004***	0,00153**	-0,00273**
Escolaridade mulher	0,00251	-0,000617	-0,0023	0,00325**	-0,00359**	-0,00252	-0,00187**	0,000612	-0,00137
Mulher chefe e trabalha	0,0292	-0,0380***	0,0076	0,0477**	-0,0422***	-0,039	-0,00938	0,000938	0,017
Branco	-0,0122	0,0026	0,00501	-0,00714	-0,000961	0,0273	-0,00169	0,00956	-0,00886
Doméstica	0,113***	-0,00294	-0,0499**	-0,00958	-0,00194	0,000741	-0,0229	-0,0145	-0,0547***
Alimentos preparados	0,0221	0,00255	0,0688***	0,0446***	0,0126	0,0613***	0,00724	0,00323	0,0535***
Tamanho da família	-0,00205	0,00809**	0,0357***	0,0385***	0,00673**	0,0407***	0,0141***	0,00620***	0,0464***
Composição familiar									
Sozinho	0,133***	0,00304	-0,0302	0,0064	0,000626	0,0339	-0,0825**	0,00187	-0,043
Mãe solteira/pai solteiro	-0,0264	-0,0209	-0,00416	0,0575**	0,00141	0,000652	0,000876	-0,0203***	-0,0182
Múltiplos adultos	0,0566***	0,00184	0,0166	0,0382***	0,0255	0,0325	-0,0522***	0,0102	-0,017

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: Nível de significância: ** $p < 0,05$ e *** $p < 0,01$.

Tabela 13 - Efeitos marginais das variáveis de localização domiciliar, características do domicílio e composição familiar para a classe superior (2008-2009)

Variável	Categorias de alimentação fora de casa								
	Almoço	Café	Sanduíches	Lanches	Cerveja	Refrigerante	Alimentação na escola	Alimentos <i>diet</i> e <i>light</i>	Outros
Localização domiciliar									
Rural	-0,00295	-0,0477	-0,0640**	-0,069	-0,00895	-0,0454	0,00372	-0,0175	0,0257
Região metropolitana	0,0453***	0,0208	-0,151***	-0,0244	-0,0729***	-0,0966***	-0,0411***	0,00537	-0,0557***
Norte	-0,0212	-0,0576**	0,00505	0,110***	0,0282	0,0876**	-0,0648***	0,0168	0,0217
Nordeste	-0,0152	-0,111***	-0,0303	0,136***	0,0566***	-0,00999	-0,0443***	-0,0021	-0,0151
Sul	0,0113	-0,0225	-0,115***	0,0374	0,0151	-0,0431	-0,0334***	-0,00955	-0,00911
Centro-Oeste	-0,0424**	-0,0541**	-0,0442	0,0850***	0,013	-0,0405	-0,0477***	-0,0139	-0,0127
Características do domicílio									
Log renda mensal <i>per capita</i>	0,0109	0,0172**	0,00875	0,00543	0,00823	0,00227	0,0012	0,00489	0,0137
Salário mulher <i>per capita</i>	-0,0000152	-0,000008	0,00000772	-0,000003	-0,0000139	-0,0000109	0,0000149***	-0,00000522	-0,000007
Idade	-0,000774	0,00054	-0,0035***	-0,0028***	-0,0021***	-0,0026***	-0,00068	-0,000185	-0,00230**
Escolalidade chefe	0,00615***	0,000116	-0,000679	0,00428	-0,00339	0,0021	-0,00182	0,0015	-0,000294
Escolalidade mulher	0,00023	0,00251	-0,0012	-0,00291	0,000885	0,00784**	-0,0015	0,00214	0,00829***
Mulher chefe e trabalha	-0,0121	-0,00701	-0,0291	0,011	-0,0323	0,0212	-0,015	-0,0088	0,087
Branco	0,0284**	-0,015	0,0243	0,00346	0,00869	-0,00471	-0,00271	0,0192**	-0,0168
Doméstica	0,0268	-0,0149	-0,0296	0,0134	0,00466	-0,000895	-0,0214**	-0,0111	-0,0213
Alimentos preparados	-0,0019	-0,00834	0,0653***	0,0676***	-0,0196	0,0254	-0,00906	0,00556	0,0718***
Tamanho da família	-0,00234	0,00231	0,0591***	0,0530***	0,0220***	0,0477***	0,0120***	0,00671	0,0462***
Composição familiar									
Sozinho*	0,0498	0,0146	0,141**	-0,0298	0,0306	0,133	-----	0,0367	0,0386
Mãe solteira/pai solteiro	0,0107	-0,0471	-0,0337	-0,0349	-0,0920**	0,0191	0,0181	0,0352	0,02
Múltiplos adultos	0,0426**	0,00364	0,0529**	0,0447	0,0672***	0,0910***	-0,0373***	-0,00152	-0,00464

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Nota: * A variável sozinho foi automaticamente omitida na estimação da categoria alimentação na escola; Nível de significância: ** p < 0,05 e

*** p < 0,01.

Recebido em: 16/07/2015.

Aceito em: 29/06/2016.